



ORA FEMININAS ORA FEMINISTAS: NARRATIVAS DE MULHERES NA REVISTA “A VIOLETA” – CUIABÁ, 1916-1946.

Ana Maria Marques¹

O interesse da pesquisa partiu da vontade de entender melhor o feminismo considerado da “primeira onda” – aquele das manifestações de mulheres pela igualdade de direitos e pela cidadania, especialmente movido pelo ingresso das mulheres no mercado de trabalho e pelas reivindicações do voto que marcaram o final do século XIX e início do XX.

Como objeto empírico, escolhi a Revista “A Violeta”: um folhetim publicado em Cuiabá entre 1916 e 1950, aproximadamente. Todavia, o recorte de trinta anos, até 1946, foi por considerar que a partir dessa data, com a redemocratização do país pós-ditadura do Estado Novo, o feminismo tomou uma configuração mais voltada aos movimentos de esquerda (anarquismo, comunismo) – o que não é objeto de estudo dessa pesquisa.

A Revista “A Violeta” é considerada um primeiro periódico feminista em Mato Grosso. Foi objeto de estudo da literatura, no trabalho de fôlego de Yasmin Jamil Nadaf, cuja dissertação de mestrado, pela UNESP, transformou-se em livro no mesmo ano da defesa (1993). Considero-a maior conhecedora dessa fonte e ela mesma possui um acervo dessas revistas, que se encontram em arquivos diversos. “A Violeta” foi objeto de estudo também da educação, resultando em dissertação de mestrado pela UFMT, de Gisleine Grespaldi Silva, cuja preocupação fora analisar o modelo de educação feminina durante o Estado Novo, perpassado pela revista – haja vista que as escritoras eram também professoras, ou, se não docentes, tinham uma formação para a docência.

Percebi que, embora já estudada com o olhar de outras áreas do conhecimento, ninguém havia problematizado o feminismo com a sua dinâmica de época para analisar “A Violeta”, sob o olhar, no caso, de historiadora.

Céli Regina J. Pinto (2003) considera que da virada do século até 1932, quando da conquista do voto feminino no Brasil, o feminismo era “bem-comportado”, pois não se propunha a mexer com a posição do homem na sociedade, as mulheres só queriam ser incluídas como cidadãs, sem alterar as relações de gênero. Ela diz que é um feminismo “associado a personalidades”. Segundo ela, ainda, a partir de 1937 até 1946, com o Estado Novo, o feminismo “praticamente morre”. A censura e o controle do Estado à imprensa e às manifestações contrárias à ordem estabelecida constituíram-se arbítrios também ao feminismo.

¹ Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso. Graduada, Mestre e Doutora em História pela UFSC. E-mail: anamariamarques.ufmt@gmail.com



Nessa perspectiva do “feminismo da primeira onda” associado às personalidades, vale lembrar a militância incisiva de Maria Lacerda Moura, especialmente na década de 1930. Seu talento para a oratória, como jornalista e escritora, também chegou aos confins do Brasil (LEITE, 1984).

Ao falar de feminismo e de gênero, é importante dizer que ambos remetem ao processo histórico que, no ocidente, constitui-se em movimentos e amplas discussões teóricas. A divisão didática que alguns(mas) autores(as) fazem, e apóio-me aqui especialmente em Guacira L. Louro, caracteriza especialmente a primeira e segunda onda do feminismo. A “primeira onda” inicia-se na virada do século XIX para o XX, com as manifestações para estender o direito de votar às mulheres – o chamado “movimento sufragista”. A “segunda onda” inicia-se no final da década de 1960, quando o feminismo foi se construindo teoricamente e seu desdobramento resultou também no aparecimento da categoria de análise: gênero.

Em 1986, a historiadora Joan Scott publicou um artigo na *American Historical Review*, sob o título *Gender: a useful category of historical analysis*, preparado originariamente para ser apresentado na reunião da *American Historical Association*, realizada em Nova York, em 1985. Este texto foi traduzido para diversas línguas e causou grande impacto entre historiadores(as) e estudiosos(as) do gênero, em diferentes países. Na tradução deste texto para o português, Scott (1995, p.86) diz: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.” Estava aberta, desta forma, a possibilidade de ampliação da categoria “gênero”: não mais fechada na oposição da diferença com os homens e sim na perspectiva relacional e perceptiva. A definição de Joan Scott foi bastante influenciada pelas leituras de Michel Foucault e poucos são os trabalhos que discutem gênero, atualmente, sem citá-la.

Sandra Harding (1993, p. 11) sugere: “As categorias analíticas feministas devem ser instáveis – teorias coerentes e consistentes em um mundo instável são obstáculos tanto ao conhecimento quanto às práticas sociais.”. Por isso, já não se pode mais pretender pensar a mulher como um universal, como se fez com o homem. Thomas Laqueur (2002, p.32) lembra como é absurdo pensar que só a mulher tem gênero e que o corpo do homem tenha sido criado numa tradição cultural cuja história não fora pensada.

O momento histórico analisado nessa pesquisa permite também refletir sobre a condição dos homens numa sociedade cujos papéis lhes pareciam fixos, naturalizados, essencializados e, cabia à mulher a conquista do seu espaço na esfera pública, considerada até então eminentemente



masculina. A revista “A Violeta” mostra o conflito de idéias que atravessa uma época cuja assimilação do discurso da igualdade não fora fácil ou imediato.

Inicialmente, a revista era apenas “feminina”, numa crônica de Silvia de Barros, em 1925, ela defendia o “sonho dourado” de se dedicar as “lidas domésticas”. Maria Dimpina Lobo Duarte, fundadora e editora anos a fio da revista, nesse mesmo ano, ao falar da criação da “Liga das Senhoras Catholicas” dizia que a associação “deve defender os nossos costumes tradicionais, históricos mesmo, do recato e da modéstia, da virtude e do zelo da mulher brasileira”. Em 1926, outra cronista que assinava só com as iniciais S. d’A. defendia que as mulheres ficassem em casa, pois tornariam “mais suaves e dóceis a vida do lar”. “A Violeta”, publicação do grêmio literário Júlia Lopes, ganhou uma sede com a criação do “Clube feminino”, em 1928, a partir de então, intensificaram-se os trabalhos e o envolvimento político com o feminismo.

Maria Dimpina usava pseudônimo de Arinapi e Martha. Nasceu em 1891 e viveu até 1966. Foi considerada por muitos como uma mulher além de seu tempo, seguramente por ocupar função pública e ser uma intelectual – atribuições eminentemente masculinas para a época. Em 1909, aos 18 anos, Maria Dimpina formou-se no colégio Liceu Cuiabano onde até então só estudavam homens, lá recebeu o título de bacharel em Ciências e Letras. Foi à primeira funcionária pública concursada de Mato Grosso e assumiu cargo nos Correios e Telégrafos. O nome da revista revela a inspiração própria de suas leituras e preferências. Julia Lopes, cujo nome inspirou a denominação do grêmio de onde partira a revista, era escritora das preferidas de Maria Dimpina que deu nome à revista de uma publicação da escritora: “A Violeta” (BORGES, 2005). A patronesse Júlia Lopes (1862-1934), romancista carioca com quem Dimpina trocava cartas e material literário, foi definida por essa última como “Esposa e Mãe modelar que fez de seu lar um santuário da ciência” (A Violeta, 1922).

Da década de 1920 a de 1940, as narrativas foram se modificando. Em 1941, “A Violeta” lançou um “Apelo às senhoras e senhoritas que têm profissões remuneradas”. O chamamento era para a organização das mulheres trabalhadoras no sentido de reivindicar seguridade social, férias e condições para se instruírem. Percebe-se, então, que não se tratava mais de um folhetim de mulheres da elite preocupadas com a manutenção ou crise de um status de feminilidade baseada na vida doméstica, mas deixavam transparecer uma mobilização política reveladora de uma mudança de postura dessas mulheres.

O processo de mudança discursiva de como mulheres que escreviam na revista ou mesmo outras influenciadas pelas leituras nas suas práticas cotidianas construiu um fazer-se mulher, nas



relações de gênero, ora resistindo ao feminismo, ora se valendo do aparato discursivo do mesmo. Lá em 1926, vê-se a resistência quando Dimpina critica a “invasão do modernismo” acusando a maquiagem de esconder o cansaço aparente às mulheres que trabalham fora, escrevia ela na revista: “(...) a pintura (...) vem disfarçar os efeitos da saúde alterada (...) faz cair no olvido todo esse cuidado que se tinha para conservar rosada e pura a tez natural, certificado de uma saúde robusta e sã”. Ela defendia o trabalho cognitivo para o aperfeiçoamento intelectual de mulheres: “Minhas contereneas, foi para o melhoramento da educação feminina que se creou o Gremio Julia Lopes: foi para fazermos uma espécie de gymnastica de espírito que se fundou ‘A Violeta’” (1931).

Em 1932 foi a primeira vez que a revista se pronunciou em defesa do feminismo publicando, embora sem comentários das redatoras, uma palestra de Bertha Lutz: “minutos de feminismo”. Neste, Bertha fora anunciada presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e falava em defesa do voto das mulheres. Em 1934, Bertha Lutz figurava a capa da revista e os dizeres que a anunciavam era: “A invicta campeã do movimento feminista no Brasil, cujos inestimáveis serviços à causa da Mulher consagraram-na primus inter pares”. Nesse mesmo ano algumas dessas mulheres, que escreviam em “A Violeta”, fundaram também a Federação Matogrossense, filial do “feminismo em Mato-Grosso”. Vê-se que é a partir daí que essas mulheres declaram-se feministas, sempre apoiadas em figuras basilares nacionais e internacionais.

A categoria de análise “gênero” é o fio condutor dessa pesquisa. Explicada por Joan Scott como uma maneira de perceber as diferenças entre os sexos, trata-se de entender como se constroem as identidades de gênero a partir das experiências. Nas palavras de Joan Scott (1999, p. 40 e 48): a “identidade está amarrada a noções de experiência” e “não está confinada a uma ordem fixa de significados”. Portanto, mesmo estudando um período, cujo significado dessa categoria era inexistente, quer-se analisá-lo sob a perspectiva dos estudos de gênero.

As revistas aqui citadas foram pesquisadas no acervo microfilmado do NDIHR (Núcleo de Documentação e Informação Histórica e Regional) – UFMT e no Arquivo Público do Estado do Mato Grosso.

Referências Bibliográficas

BORGES, Fernando Tadeu de M. Casamento e educação dos filhos no olhar de uma cuiabana letrada. In: PERARO, Maria Adenir; BORGES, F. T. de M. (Orgs.) **Mulheres e família no Brasil**. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2005.



BORGES, Vavy Pacheco. “Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940)”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.) **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 2001.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis. UFSC. v.1,n.1/1993.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2001.

LEITE, Mirian M. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984. Coleção Ensaios (112).

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NADAF, Yasmin J. **Sob o signo de uma flor: estudo da revista “A Violeta, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes”, 1916/1950**. Dissertação de Mestrado em Literatura. UNESP, 1993

_____. A prática sociocultural associativa da mulher em Mato Grosso (segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX). In: PERARO, Maria Adenir; BORGES, F. T. de M. (Orgs.) **Mulheres e família no Brasil**. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2005.

PINTO, Céli Regina J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro: Perseu Abramo, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.20, n.2, jul/dez., 1995.

_____. Experiência. In: SILVA, A.; LAGO, Mara C. de S.; Ramos, T. (org.) **Falas de gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

SILVA, Gisleine G. **Uma mulher educada, educa cem homens: a Revista “A Violeta” e a educação feminina durante o período estadonovista em Cuiabá**. Dissertação de Mestrado em Educação. UFMT, 2003.